

PUBLICAÇÃO QUINZENAL
DE TURISMO, PROPAGAN-
DA, VIAGENS, NAVEGA-
ÇÃO, ARTE E LITERATURA
PRÓPRIEDADE DA EMPRESA DA
REVISTA DE TURISMO

LISBOA, 5 DE FEVEREIRO DE 1917

ANO I—N.º 15

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADEANTADO
ANO..... 1500 BRAZIL
SEMESTRE..... 550 ANO..... 15500
NUMERO AVULSO 5 CENTAVOS

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO
REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO
EDITOR: ANNIBAL REBELLO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: LARGO DA ABEGOARIA, 28 — TELEPHONE 2337-C. — LISBOA

NAVEGAÇÃO PARA O ORIENTE

ESTAMOS agora, n'esta hora de crise de transportes, a sofrer as pesadas consequencias da falta de marinha mercante sob o pavilhão nacional.

A' nossa politica colonial parece que nada mais interessou nos últimos tempos, que os nichos dos empregados, com passagem de volta e a reforma passado meia duzia de anos de serviço colonial.

As colonias queixavam-se da falta de melhoramentos, da deficiencia da navegação; e o Estado que fazia? mandava um novo governador e uns centos de soldados para as defender do gentio.

Isto faz lembrar Eça de Queiroz, nas *Farpas*, que quando os Açores rabujavam, a metropole amorosamente mandava-lhe dois desembargadores.

E a cada nova rabugice, mais dois desembargadores. Nunca ao governo da nossa terra mereceu atenção, o importante problema marítimo, esquecendo-se sempre que ele é o maior factor do desenvolvimento colonial, quer economico quer politico.

As colonias africanas, tem uma navegação, muito deficiente é certo, mas que tem concorrido poderosamente para o incremento que elas tem tido nos ultimos anos; mas a India, Macau e Timor, tres possessões importantes estão ainda unidas á metropole pela bandeira estrangeira, e ultimamente devido á guerra europeia, nem isso.

Era natural que pelo menos a India estivesse ligada á Africa Oriental por uma carreira regular, que iria dar um forte impulso ás relações entre as duas colonias.

Antes da guerra essa navegação

era feita, na sua maior parte, pela bandeira alemã, mas hoje desaparecida dos mares, cedeu logar á ingleza, que é bastante deficiente, e por isso grandes embarcações tem trazido ás duas possessões

Estava, naturalmente, indicado, que

fossem empregados, pelo governo portuguez, alguns navios ex-alemães n'essa carreira, mas até agora, nada se fez, e cremos bem, que nem mesino n'isso se pensou.

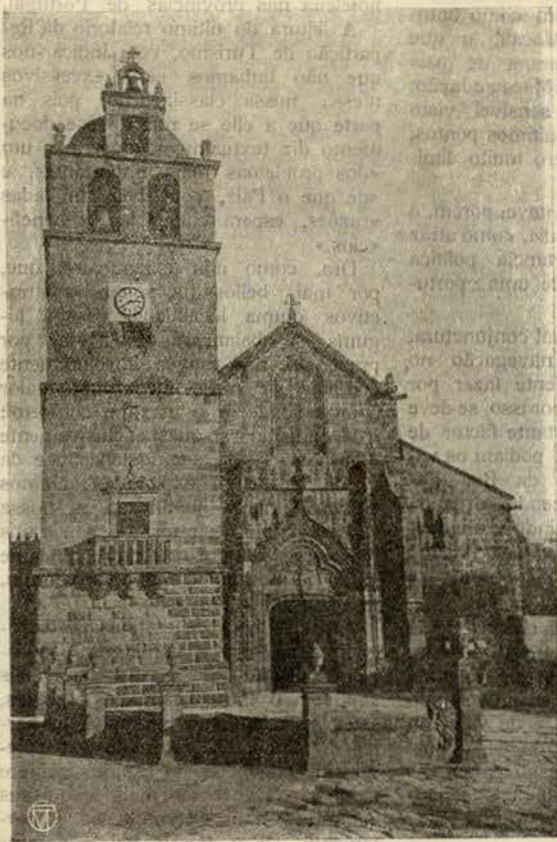
Mas o principal problema marítimo para o Oriente, está n'uma carreira regular mensal, entre Lisboa, Mormu-gão (India), Timor, Hong-Kong, (Macau) e tendo como terminus o Japão.

N'essa carreira, poderia empregar-se vapores de 3 a 4 mil toneladas, no inicio, com logares para passageiros de 1.ª e 3.ª classe.

Não desejaremos, porém vapores com acomodações luxuosas, nem, tão pouco com velocidades de paquetes postaes, pois seria inutil tentar concorrência com os vapores ingleses ou holandezes, mas, como o objectivo era a carga, o transporte de tropas e os funcionarios; vapores modestos, de 3.500 toneladas e com a marcha de 12 milhas, satisfariam amplamente.

Uma vez estabelecida a carreira, seria conveniente que se tentasse um inter-cambio com o Japão, onde ha manufacturas e artigos naturaes, que podiamos permutar com as nossas conservas, fructas, vinhos, etc.

Tambem em Timor ha riquissimo café e madeiras superiores para trazer para a Me-



VILA DO CONDE—EGREJA MATRIZ

(Vide artigo a pag. 116)

tropole, e a Índia e Macau completariam a carga para uma carreira mensal, que em poucos anos teria de ser augmentada de tonelagem.

Toda a gente se lembra, ainda, do começo da carreira para a Africa Oriental com vapores de 3.500 toneladas, tonelagem essa que, em pouco tempo, foi elevada ao dobro, e hoje não falando mesmo na falta da bandeira alemã, tem movimento para o quarto ou quintuplo.

Outro tanto aconteceria á carreira do Oriente. E esta, ainda, com outros factores para o seu desenvolvimento; pois na sua derrota, os vapores tocariam em Marselha, (Genova ou Nápoles), Aden, Ceylão e outros pontos para onde podíamos desenvolver o nosso commercio de exportação.

E' preciso que os nossos vapores vão ao Mediterraneo, para que a presença da bandeira nacional modere o preço dos fretes, e produza o intercambio para esses paizes, com vantagem segura para nós.

Timor, a riquissima provincia abandonada nas longinquoas paragens do Oriente, necessita ser visitada por vapores nacionaes, podendo ser directos, pois que além de facilitar consideravelmente as relações com a Metropole evitaria o vapor de tráborde em Manilha ou Batavia, bem como outro directo de Timor a Macau, o que compensava bem a demora de mais alguns dias na viagem até Macau e Japão; transtorno esse pouco sensível visto os passageiros d'estes ultimos pontos, serem sempre de numero muito limitado.

Esta carreira, não evitava, porém, a da Africa Oriental á Índia, como atraz dissémos, cuja importancia politica e economica, a torna de uma oportunidade absoluta.

E' certo que, na actual conjunctura, com a dificuldade da navegação no Mediterraneo, é imprudente fazer por ali carreiras, mas nem por isso se deve pôr de parte tão importante factor de progresso colonial; mas podiam os vapores seguir pelo Cabo da Boa Esperança, levando e trazendo carga da Africa Oriental, e seguindo d'ali directamente a Timor, Macau e Japão; fazendo-se a ligação com a Índia pela carreira atraz apontada.

Bem sabemos que, esta carreira trazia pesados encargos aos cofres do Estado, mas é bom lembrar-nos que estamos em maré de sacrificios, e aproveitando esta oportunidade—que é de vida ou morte para o commercio de cada paiz seria dar um grande passo para a expansão de Portugal politico, economico e colonial.

GUERRA MAIO

REVISTA DE TURISMO

EM cumprimento de um dos numeros do programma que nos impuzémos ao lançar a publico a *Revista de Turismo*, vamos, no presente momento, iniciar a sua activa propaganda pelo Novo Continente, muito especialmente na Grande Republica Sul-Americana, onde, todavia, ella já conta alguns assignantes; tendonos, ainda ha pouco, sido dirigido um amavel pedido do Gremio Litterario Excelsior, de S. Paulo, para a remessa gratuita de um exemplar de cada numero, o que com o maior agrado foi concedido.

D'esta sorte, procura a empresa da *Revista de Turismo* torna-la conhecida no Brazil e proseguir, embora

HOTEIS DA PROVINCIA

NO artigo que, sob a epigraphe *Hoteis da provincia*, fizemos inserir em o ultimo numero da nossa *Revista*, classificámos de *importante* o assumpto que respeita á exploração hoteleira nas provincias de Portugal.

A leitura do ultimo relatorio da Repartição de Turismo, veiu indicar-nos que não tinhamos sido excessivos n'essa nossa classificação, pois na parte que a elle se refere, esse documento diz textualmente que: «é um dos problemas mais importantes, e de que o Paiz, com bem fundadas razões, espera colher largos beneficios.»

Ora, como nós entendemos que, por mais bellos que sejam os attractivos d'uma localidade, pessoa alguma se abalará a visita-la, por prazer, se não estiver absolutamente confiada de n'ella encontrar a maior commodidade e o maximo conforto; e dependendo isso quasi exclusivamente dos hoteis—da sua installação e da forma de serem explorados; cremos sufficientemente justificada a nossa insistencia no assumpto; e a elle nos referiremos sempre que outro ainda de maior grandeza não venha, porventura, distrahir-nos a attenção.

E' aviso bom de lembrar que terminada que seja a conflagração europea, e visitados os pontos que mais captivem o entusiasmo dos turistas, estes se estenderão por todas as partes do globo, naancia de satisfazerem as exigencias do espirito sempre avido de receber as mais exquisitas e impressionantes commoções. E, certamente, se o nosso Paiz offerecer tudo quanto possa agradar aos es-

sob o peso dos maiores sacrificios, na obra patriótica que emprehendeu, qual é a de espalhar, não só propriamente dentro do nosso Paiz, mas alem fronteiras e atravez o Grande Oceano, tudo quanto possuímos de bello, de precioso e de inconfundivel, no simples intuito de animar e entusiasmarmos o turismo em Portugal; contribuindo, assim, com o seu melhor esforço para que elle se desenvolva de forma a produzir os beneficos resultados que o nosso Paiz deve esperar d'essa fertil e florescente industria.

Necessitando, porem, para esse fim, da cooperação dos consules portuguezes nos diversos Estados da America, esperamos que os nossos pedidos de esclarecimentos tenham o melhor acolhimento da parte d'esses funcionarios.

trangeiros que se lembrem de visitar as suas originaes bellezas e costumes, de apreciar, os encantos que elle possui e a suavidade quasi incomparavel do seu clima, ou sejam attrahidos a um doce repouso n'esta bem-dita Terra Portugueza que—sem favor—poder-se-hia chamar o *Sanatorio do Mundo*, então para elle canalisar-se-ha facilmente uma corrente de turistas, que em consideravel parcella contribuirá para o desenvolvimento da riqueza nacional.

E' de crer, tambem, que, depois de estabelecida a corrente de estrangeiros para Portugal, estes não se restringirão a visitar o que maior interesse lhes disperse como testemunho dos nossos feitos heroicos ou da nossa actividade nas artes e officios; mas espalhar-se-hão por todo o Paiz, em demanda da originalidade das nossas paysagens, das cantadas mulheres das nossas provincias, dos apregoados productos das nossas industrias regionaes.

Não devemos, pois, seja por que principio fôr, afugentar quem procure conhecer e interessar-se pelas nossas coisas, mas—antes pelo contrario—é da mais elemental obrigação promover, por todos os meios, seduzir, captivar e attrahir os forasteiros, já proporcionando-lhes boa installação para o apetecido repouso, já facilitando-lhes a visita ao que de interessante e digno de menção haja na localidade onde se acharem.

Para esse fim, a missão dos hoteis de provincia é da mais capital importancia; tornando-se, porem, indispensavel para que ela se effective em absoluto, que os seus proprietarios aban-

donem por completo o objectivo especial de apenas servirem as classes commerciaes, os caixeiros-viajantes, homens de negocio, etc.; e attendam muito principalmente em ser uteis—pelos mais racionais e honestos processos—a todos os que viajam, quer por recreio, ou seja por necessidade; e, assim, não só colherão os benefícios legitimos que lhes competir

directamente, mas usufruirão, tambem, dos que indirectamente lhes possa caber nos resultados que o Paiz venha a auferir do desenvolvimento do turismo.

E', pois, tempo de se modificar os velhos costumes, desprezando-se as anachronicas usanças, e de procurar-se acompanhar o progresso em todas as manifestações que interessam ao turismo.

fez uma primeira experiência, derramando em *Voisinage* dois quilos de fluoresceína. A coloração verde reapareceu em 13 de Maio, ás 5 horas da manhã, e manteve-se até ao dia seguinte, gastando, por isso, 8 dias e meio a passar de *Voisinage* a *Noiraigne*. No dia 26 de Julho de 1901 (2.^a experiência), ás 5 da tarde, deitaram-se novamente cinco quilos em *Voisinage*. A fluoresceína mostrou-se com muita intensidade, pois podia vêr-se a olhos nus, em 2 de Agosto ás 6 da manhã, persistindo a coloração 36 horas. Nesta 2.^a experiência a água só levara a passar seis dias e meio.

O artigo de pg. 190 a 204 do Tomo IV do 2.^o Suplemento do Dic. de Quimica pura e applicada de Wurtz, (Paris, 1906, pg. 197) diz que a fluoresceína é o tipo da cor fluorescente, por ser ainda visível no 45.^o milionésimo. Pg. 199, que se obtém a sulfureína resorcínica, tratando a sacarina pela resorcina e ácido sulfúrico a 180.^o, e que esse corpo é materia colorante analoga á fluoresceína, apresentando em solução alcalina fluorescencia verde magnifica.

Na água estagnada, a solução de fluoresceína perde a cor, ao sol, em menos de 24 horas.

Na obscuridade completa (cavernas), a sua conservação parece indefinida. A perda da cor não pode considerar-se nula, mesmo em terrenos calcareos, ou argilosos.

(Continua)

ALFREDO ANSUR.

(1) Lyel (Princ. de Geol., cap. 17) diz que por occasiao do terramoto de Lisboa, em 1755, a temperatura da chamada *Fonte da Rainha* em *Bagnères de Luchon* (Pirineus) elevou-se, repentinamente, 41^o65 centigrados! As suas águas (que eram frias adquiriram a temperatura de 50 graus centigrados, *que tem conservado*. Lisboa conhece hoje tanto o seu sub-solo profundo, como no tempo de D. Afonso Henriques. E' evidente que bastam os fenómenos sismicos, para romper, ou destroçar, mais ou menos, as canalizações subterraneas da *Companhia das Águas*.

O TURISMO EM PORTUGAL

Por informações telegraficas recebidas de Paris, consta que o sr. Dr. Magalhães Lima, Presidente do Conselho de Turismo e da Direcção da Sociedade Propaganda de Portugal, que em breve regressará a Lisboa, encarregou-se, a pedido de *Touring Club de France* d'uma proposta tendente a desenvolver o turismo entre França e Portugal.

O MISTERIO

DA

LAGOA DE MINDE E MIRA E SUAS CAVERNAS ADJACENTES

Continuado do n.^o 14 (pag. 112)

Na Suissa, já, em 1864, Desor tentara determinar a duração do trajecto do *Noiraigne*, entre *Voisinage* e a fonte, recorrendo á reacção do iodo sobre o amido. Apesar de resultado pouco decisivo, inclinou-se a que a água reaparecia depois de oito horas de curso subterrâneo.

Em 1.^o de Maio de 1898, ás 11 da manhã, Mr. Martel introduziu 2^o quilos de fluoresceína em dissolução no *Olho de Baulmes*. A coloração levou 40 horas á granja *Décopet*. Falta determinar os pormenores de intensidade, e o momento da aparição da cor em diversos mananciaes. Com este intuito, a mesma quantidade, em 10 de Junho, no regato da lagoa de *Baulmes*. A 12 de Junho, ás 7 horas, a coloração característica apparecia nas fontes de *Method*, e, ás 7 e meia, na fonte *Décopet*. Duas horas depois, as fontes do *Moulinet* apresentaram os primeiros vestigios de coloração.

Estas experiências demonstraram a correlação entre as grandes fontes do *Mont-de-Chamblon* e a água do regato da lagoa de *Baulmes*, que se some pelo Poio de *Feurtille*. Demonstram ainda quanto o problema dos mananciaes (muito simples, aliás, nos traços geraes) é complicado.

Demonstraram, finalmente, que fontes muito distantes, de natureza e temperatura diferentes, cada qual com regime especialissimo, podem ter comunicação e influenciar-se, mais ou menos directamente. (1)

Experiências na geleira do Rhódano, (Agosto de 1898) deram á velocidade da água 12 a 13 metros por minuto, em vez de 0,7 a 2 metros, entre os sorvedouros de *Rocheray*, os do lago de *Ioux*, e o manancial de *Orbe* (ex-

periências de 1893). *Anais do Club Alpino Suizo*, 1898-9 p. 265-274.

Outras experiências demonstraram que o manancial da *Dhuis* podia ser contaminado pelas covas dos arredores de *Artonges*, por causa das fendas das pedreiras de *Champigny* (Tomo VI da *Speleologia* no seculo XX, pag. 135).

Eis o modelo de uma experiência relativa á circulação das águas da geleira do Rhódano, e que, mutatis mutandis, pode ser feita pelos *Mindericos*, ou *Mirenses*.

Em 23 de Agosto de 1898, ás 8 e meia da manhã, lançaram-se dois quilos de fluoresceína n'um regato que se sumia cerca da margem direita, n'um sitio denominado o golfo das *Moraines*, a montante da grande cascata dos gélos. A cor verde appareceu na torrente ás 9,40, e a água ficou colorida até ás 10,40. O trajecto intraglaciario tinha um cumprimento horizontal de 1 quilómetro, e altura de queda de 500 metros, o que representa, em linha recta, 1118 metros, (declive de 50 por 100). A velocidade da água foi de 16 metros por minuto quanto á primeira aparição (velocidade máxima), e de 13 metros em velocidade média.

Experiências do mesmo género, tentadas em 1900 por M. Schadt, demonstraram que as águas do lago *Taillières* só atingiam o manancial *Areuse*, em *São Sulpicio*, depois de 13 dias, (trajecto de seis quilómetros apenas).

Sendo 4 a distancia de *Voisinage* a *Noiraigne*, pensou-se que o cálculo de Desor fóra erroneo.

Por isso, ha 15 anos (em 4 de Maio de 1901, ás 5 horas e meia), se

"A Terra Portuguesa,"

ADELINO MENDES, distincto redactor de «A Capital», muito conhecido e apreciado no nosso meio jornalístico, realisou ha dias, no amplo salão de conferencias da Sociedade Propaganda de Portugal, uma muito interessante palestra sobre a «Terra Portuguesa».

Sendo esse um assumpto da mais palpitante actualidade, e pelo qual a nossa Revista vem porfiadamente lutando, não podiamos deixar de, com o maior entusiasmo, acolher n'estas columnas a preciosa oração com que o conferente prendeu, por largo tempo, as atenções do selecto auditorio que o escutou vivamente interessado.

Bem haja a iniciativa da benemerita Sociedade Propaganda, que merece os mais calorosos louvores; sendo, tambem, para applaudir com o mais intenso prazer, a feliz idéa de Adelino Mendes, na escolha do thema da conferencia, a que a sua fluente palavra deu um brilhante colorido e uma vivacidade impressionante.

A seguir á sua apresentação, que foi feita á numerosa assistencia pelo sr. Manuel Roldan, Director-Secretario d'aquella Sociedade, o conferente deu começo ao seu bello trabalho, que inserimos a seguir, tanto quanto nos foi possível completar.

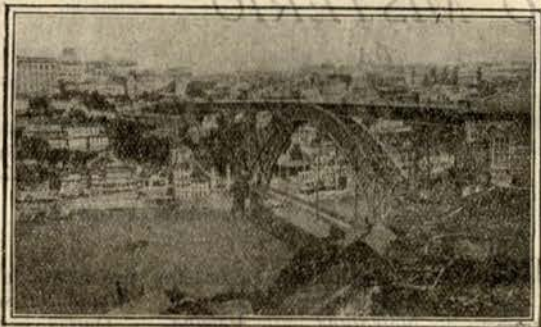
Disse Adelino Mendes:

«Estamos n'um momento em que todo o bom portuguez deve contribuir,

cia em que tudo mergulhou, um Portugal novo e redimido, que seja o successor digno e esforçado d'esse Portugal antigo, que ninguem será capaz de riscar da historia do mundo. Eis porque aceitei o convite e porque agradeço penhoradissimo. E' que, por via d'elle, chega-me um ensejo mais de atirar para os caboucos, que me parece já estarem a abrir-se, a minha pedra constructiva. Sou, por profissão, jornalista. Melhor: sou, por temperamento e paixão, *reporter*. Gosto de viajar na minha terra e de dizer aquelles que a habitam o que por ella ha digno de vêr-se. Sou um jornalista do *ar livre*. Sou, portanto, um turista que não viaja por egoismo, só para se procurar um grande prazer ou para satisfazer uma intima necessidade espiritual. Preocupam-me muito menos os tormentos que possa trazer-me uma excursão incomoda pelos plainos do Alemtejo ou pelas serranias transmontanias, do que ter de pôr deante dos olhos e da intelligencia dos meus leitores, por meio da escripta, tudo quanto vir. Como me interesse pela nossa terra, quero que todos a olhem com interesse. Como n'ella tenho vivido dias de supremo encanto, o meu de-

de julgarem Portugal o paiz mais feio do mundo.

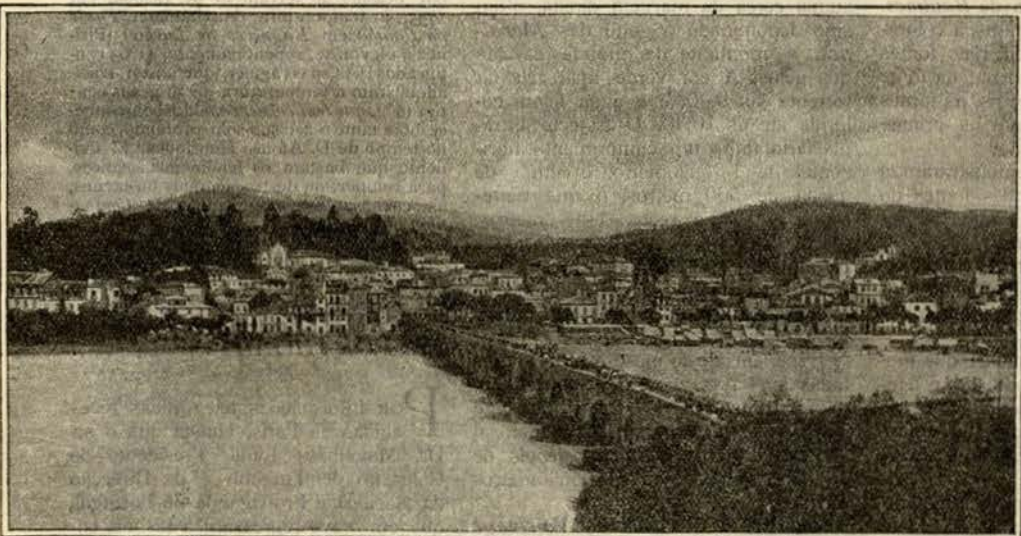
Um dia, em conversa com um dos nossos mais illustres homens de letras, ouvi-lhe um conceito que me pareceu, n'aquelle instante, justo e verdadeiro. Disse-me esse alto espirito que a Natureza é em toda a parte a mesma, não havendo nada que a exceda em falta de imprevisito e em monotonia. A paizagem repete-se sem cessar, tem sempre os mesmos componentes. Arvores, sol, agua, céu, montes e vales,



PORTO—PONTE DE D. LUIZ

horizontes longiquos, campos verdes, pinhaes tranquilos e rumorejantes, nunca mudam. E' possível que haja n'isto alguma coisa de exacto. Entretanto, do conceito nivelador e prosaico, permito-me exceptuar a doce paizagem portugueza. Em Portugal, tudo o que a terra cria, todos os caprichos da Natureza, tudo o que é serra, o que é campo, o que é montanha, o que é

floresta e o que é oceano, é cheio de sonho e de poesia e possui essa beleza ao mesmo tempo insinuante e casta, forte e sombria que parece desentranhar-se em sorrisos ou impôr-nos o olympico dominio da sua grandeza. A nossa terra só pode ser depreciada por quem a não conhecer. E como ella precisa que a amemos, vou tentar atrahir para ella um pouco mais da amorosa sympathia de todos os que me escutam e que já sentem, por este pedaço de solo debruçado para o mar, com certeza, verdadeira admiração. Linda como é, precisa que o homem a não amesquinhe, desfalcando-a na sua graça inconfundível,



MINHO—PONTE DE LIMA

com uma parcela do seu esforço, para que sem demora surja, da quasi iner-

sejo ardente é que, do meu intimo encanto, compartilhem quantos, como eu, não se sentirem desenraizados a ponto

deira admiração. Linda como é, precisa que o homem a não amesquinhe, desfalcando-a na sua graça inconfundível,

diminuindo-a no prestigio com que devemos revesti-la, para que todas as suas belezas se valorisem e a valorisem. Por educação e afeição, só me cativam os aspectos exteriores das coisas. Horrifica-me isso que se chama a analyse. Gosto de registar factos e impressões. Os outros que os apreciem e os comentem. Tenho de dizer isto para que se não julgue que vou moer alguns minutos apontando graves problemas de turismo e tentando resolvê-los. Não. Tenciono apenas resumir em trinta paginas, quando muito, o que tenho escripto sobre este paiz. E já não é pouco, louvado Deus...

VIANNA DO CASTELLO E AS MULHERES MINHOTAS

Foi em 1909. Luctava o Douro então com uma crise que fazia entrar a miseria nos lares regelados dos cavadores. O director do *Seculo*, viu, com a sua clara intelligencia de homem de grandes e proficuas iniciativas, que havia na região duriense alguma coisa de interessante a descobrir, e encarregou-me de ir fazer essa tragica e dolorosa descoberta.

Iniciei essa viagem atravez a provincia do Douro, começando assim a excursão pelo paiz fóra.

Do Douro passei á Beira, subi a Traz-os-Montes e, atravessando o Minho, entrei n'esse paraizo de Vianna, que é das mais lindas coisas que Portugal possui.

N'essa cidadezinha que o Lima e o mar acariciar, que o Monte de Santa Luzia domina e que a mais carinhosa luz envolve quando o outomno é sereno e as chuvas não inundam de agua e de tristeza os povoados e os campos, passei dias de verdadeiro deslumbramento. Fui a Ponte do Lima e a Ponte da Barca; assisti a feiras e mercados, percorri as mais bellas estradas da região, atravessei veigas fecundas, de onde acabara de ser colhido o milho, e pinhaes serenissimos, em cuja apathia encontrei poemas de evangelica resignação. Fui quasi até Espozende; estive na Areosa, a terra das mulheres sádias, cuja pelle parece rasgar-se á pressão de cada sorriso, para deixar espirrar o sangue; e passei um dia em Afife, a aldeia fidalga, afogada em arvoredos, cujas raparigas esbeltas tem certamente a girar-lhes nas veias restos de sangue grego, tão airoas ellas são e tanta graça se desprende das suas silhuetas esguias, de Tanagras campesinas, nascidas á beira mar e por elle embaladas dia e noite. Estive em Caminha e vi a sua igreja matriz; passei por Cerveira, debrucei-me em Gondareim, cercada de pomares, e descortinei além, perdida em

pleno rio Minho, de cujo leito irrompe como uma jarra enorme, explodindo verdura, a ilha dos Amores. A estrada de S. Pedro da Cova a Paredes de Coura, poucas tem no paiz que a eguallem. Sobee a meia encosta; e, á medida que vae cortando a serra, a bacia do Minho, o litoral coberto de arvoredo, a costa galega com a pequenina cidade de La Guardia, em anti-theatro, cahindo quasi até ao rio, e com o mar ao longe a emoldurar de neblina o quadro maravilhoso, tudo se apresenta cada vez mais nítido á nossa vista, como se fosse uma chapa photographica, cuja revelação se fizesse a pouco e pouco, interrompendo-se agora para continuar momentos decor-

em risos tititantes, em olhares claros, em rosadas faces cor de cereja madura. Mais para o interior, allí, á beira da ponte romana—que uma vereação de vandalos mutilou, appeando-lhe os torreões—mais gravidade nos olhares, mais tristeza aflorando, em sorrisos fugidios, á superficie das peles tostadas e dos rostos mais seccos e mais ossudos. Para Santo Estevão da Focha a estrada desdobra-se, ora por entre terras de milho e vinhedos robustos, ora á meia encosta, bordada de arvoredos, seguindo o vale. Para Dárque segue-se por uma interminavel alameda, como pela outra margem, mais rica de vegetação, se caminha sob as ramarias que encobrem o «ma-



MINHO—DIA DE MERCADO EM BRAGA

ridos, até nos mostrar a imagem que a impressionou em todo o seu vigor, sem manchas nem velaturas que lhe atenuem a graça que a anima.

Um mercado em Vianna é uma captivante festa pagã, onde a mulher minhota domina sem restricções. A gente do sul, costumada aos trajes discretos, não pode furtar-se ao deslumbramento que lhe injeta na retina toda a policromia d'aquelle vestuario berrante, em que o vermelho quente e o amarelo vivo predominam. E na nossa mente fixam-se typos, gravam-se bustos e imprimem-se silhuetas que jámais se esquecem, tão profundamente ellas se incorporam no bando querido de tudo quanto constitue o que com mais ternura recordamos pela vida além... Em Ponte do Lima há já mais serra e mais montanha a engrandecer a paizagem e a escurecer o vestuario da mulher. Assisti allí a uma feira, no areal do rio, cujo leito, ainda n'esse fim de outomno, estava livre d'agua em quasi toda a sua farta largura. Trazia ainda, a bailem-me nos olhos, os bustos fortes das mulheres de Areosa e as silhuetas esguias, quasi classicas, das vendeadeiras de fructas de Afife. O contraste não podia ser mais flagrante. No litoral, a graça, a belleza opulenta, a saude a explodir

cadam», como quem caminha pela avenida principal de um parque com multos kilometros de extensão. Para mim, o Minho é o districto de Vianna—é a parte alta da provincia, com os seus rios, as suas serranias, os seus montes, os seus campos de milho, os seus casaes manchando de branco a paizagem que, por toda a



MINHOTA GARRIDA

parte, quer abraçar-nos. Cá para baixo ha mais monotonia. A Braga, que eu conheço, não me captivou nunca. O Bom Jesus não tem as seivas milagrosas que fazem dos arvoredos cathedras sussurrantes e profundas. Santo

Tirso, com o Ave aos pés, fugindo, como se a sua agua deslissasse adormecida; Guimarães, a vetusta, com os seus monumentos, o seu Castello, o seu culto pelo fundador e a sua arcaica atmospheria que nos transporta, insensivelmente, a uns poucos de seculos de distancia; a Povia, com os seus pescadores, os mais românticos de Portugal, onde os noivos arvoram, nos mastros dos seus barcos, o lenço da noiva no dia em que a pedem em casamento; Villa do Conde, com a sua matriz excellente e o seu aspecto de velha povoação que o tempo não tem poluido ao passar sobre ella; a linha ferrea para o Porto, cortando campos humidos e pinhaes novos, embebidos na ancia absorbente de crescerem; tudo isto é do melhor, do mais bello, do mais cativante de Portugal. O paiz que possui semelhantes logares de encanto, que herdou do passado taes thesouros de riqueza e de belleza, não pode ser nunca um paiz banal, que não mereça as atenções e a admiração dos seus e dos estranhos. Eis porque entendo que tudo quanto se fizer para o tornar conhecido é benemerito e patriótico.

É bom que se não ignore o que é dos outros. Mas primeiro saibamos admirar-nos a nós proprios. Só assim devem ser possiveis os confrontos».

No proximo numero concluiremos a inserção d'esta, a todos os titulos, primorosa conferencia, que em todos os que a escutaram deixou a mais emocionante impressão.

A exposição de aves no Palacio de Cristal do Porto

EM a nave do Palacio de Crystal, do Porto, teve logar nos dias 27 a 30 do mez findo, uma muito interessante exposição de avicultura, cujo exito brilhantemente coroou os esforços empregados pela sociedade arrendataria d'aquelle estabelecimento.

A inauguração d'esse certamen realisou-se em a noite de 27; tendo a elle concorrido tudo quanto de distincto conta a selecta sociedade portuense.

O recinto destinado á exposição achava-se originalmente ajardinado, produzindo um effeito pheerico. Pelo seu arruamento uma multidão compacta detinha-se na apreciação dos soberbos e raros exemplares das aves que se achavam expostas.

Não nos compete, na simples e rapida apreciação d'esse certamen, descrever o que elle foi e qual o valôr moral e material que representa; limitando-nos, pois, a consignar aqui os nossos louvores á Sociedade Exploradora do Palacio de Crystal do Porto, por esse seu primeiro emprehendimento, digno a todos os titulos, do maior applauso.

Entre um sem numero de aves expostas, figuravam exemplares verdadeiramente originaes de gallinaceos; destacando-se alguns soberbos pavões, lindos faisões e anafados perús, bem como differentes especies de patos e cysnes.

Aos expositores foram conferidos diver-

sos premios, alguns de grande valôr, tendo, tambem, sido distribuidas distincções honorificas.

Que esta exposição sirva de estimulo a muitas outras que se p. dem realizar no Paiz, principalmente de productos e riquezas regionaes, são os nossos mais sinceros votos, confiados—como estamos—que assim não só se tornará util e proveitoso o esforço colectivo, mas, indusivamente, proporcionar-se-hia um atractivo que muito pode contribuir para o desenvolvimento do turismo e consequente equilibrio economico.

A «REVISTA DE TURISMO» E A IMPRENSA

PENHORA-NOS, sobremaneira, as benevolas referencias que a maioria da imprensa portugueza tem feito á nossa *Revista*; e isso nos anima a proseguir na cruzada que nos impuzemos e a vencer, á custa dos maiores sacrificios, o escabroso caminho que vamos trilhando, quasi ao abandono de quem nos podia e devia auxiliar.

Tendo já archivado n'estas columnas algumas d'essas referencias, não podiamos deixar de transcrever as amaveis palavras com que o venerando collega da capital «A Nação», noticia o apparecimento do nosso ultimo numero, e que são um refrigerio para o nosso incentivo.

Revista de Turismo—Acaba de ser publicado, achando-se já distribuido, o n.º 14 d'esta Revista, referido a 20 do corrente mez.

É muito para applaudir e admirar a persistencia e tenacidade com que a empresa da brilhante «Revista de Turismo», tem conseguido vencer as enormissimas difficuldades do momento presente, para continuar na sua obra de verdadeiro patriotismo, com uma abnegação digna de todo o registo.

Era muito para louvar que as instancias competentes, taes como a Repartição de Turismo, a Sociedade Propaganda de Portugal e todos os que se interessam pela benemerita cruzada em prol da nossa Patria, dispensassem o seu mais valioso concurso a esse campeão intemerato que é a «Revista de Turismo» unica no seu genero em Portugal e que parece ter adoptado por divisa o celebre verso de Camões:

«Cantando, espalharei por toda a parte».

A este nosso muito distincto collega, que tem sido sempre d'uma rara solicitude em annunciar a publicação dos nossos numeros, e a todos os outros que nos teem honrado com noticias a nosso respeito, especializando o *Jornal do Comercio e das Colonias*, aqui deixamos consignada a expressão sincera do nosso agradecimento.

Duas gentilezas

Não ha carta sem resposta, lá diz o velho rifão; mas apesar d'isso, nunca supuzemos que o visado nos versos do nosso ultimo numero, fosse, alem de um diplomata illustre, um tão espirotuoso poeta repentista, como se vê nos versos abaixo, enviados ao seu estimado senhorio uma hora depois da remessa que este lhe fez da nossa Revista.

A' mi illustre señorio:

Mi distinguido Señor:

Con atención he leído su amable esquila de hoy por la que me pide un libro que sobre el viaje a la China un mi amigo tiene escrito, así como me acompaña la «Revista del Turismo» en que aparecen los versos que Vucencia al inquilino del primero, amablemente, se los tiene dirigido, por el motivo assombroso que, de ser buenos amigos — que rara vez se presenta — señorios e inquilinos, en este flamante predio tiene el caso acontecido!

Y, como todo el mundo desde que Adan ha existido, explicación siempre tiene, sea grande sea chico, del complicado problema, estas líneas que le escribo las razones expondrán de porqué no se han comido, como dos terribles fieras, el Señor y su inquilino: El primero—que es un gentleman de los buenos tiempos idos en que las buenas costumbres en maneras y en los dichos mantenian como un culto ya los viejos, ya los chicos, ya los abuelos, ó tias, ya los primos, ó sobrinos, — prodiga sus buenos modos al tratar a su inquilino.

El segundo — que es artista y que de tango argentino es professor muy humilde— no deja con mucho tino de guardar en cada día su reluciente escudito a fin de que al fin del mes los ponga todos juntos, y al señorío los mande como un honrado inquilino...

En eso todo consiste que en la Tierra el señorío sea amable, sea bueno, y que nunca haya subido el valor de la mesada al pobrecito inquilino; y que éste, por adularlo, le presente dulces finos.

Conjuntamente con ésta hallará Vucencia el libro que me pide, y que un mi amigo sobre las cosas de China malamente tiene escrito.

AGAMENOR AGAPITO.

(quien es del andar primero deste prédio el inquilino)

ARTE E LITERATURA

A Arte acima da guerra!

ABRINDO um parenthesis na série das minhas palestras sobre a criação do drama lyrico em França, vou hoje occupar-me d'um assumpto de elevado interesse para a Arte, em geral, e, em especial, para a Musica, fazendo a seu respeito as considerações que a minha sensibilidade alarmada suggeriu a noticia ha pouco apparecida na imprensa estrangeira de que francezes e italianos se iam unir para fazer guerra... a musica allemã, trabalhando para que ella não mais seja executada na Italia e na França e—tal seria certamente o desejo d'essa nova liga de tão tristes designios—nos outros paizes alliados!

Esta noticia—francamente o confesso—encheu-me de tristeza, não porque eu acredite que alguma vez, sejam quaes forem as circumstancias, se possa traduzir em realidade pratica o fim da liga, excluindo dos concertos e dos theatros a musica genial dos Mestre allemães, classicos e romanticos, mas porque trazida assim de novo para a discussão uma questão já esquecida, vejo que o desvairamento e a maldade humanas, na perversidade destruidora das suas paixões exacerbadas pela guerra, nem sequer poupam o santuario da Arte.

Foi Camille Saint-Saëns, essa grande notabilidade da França contemporanea, quem ha tempos, n'um gesto verdadeiramente infeliz, primeiro disse aos seus concidadãos, pretextando a medonha conflagração em que a sua patria está envolvida, que devia ser banida dos concertos e dos theatros francezes a musica de Wagner. Assistimos, então, a um movimento de alto protesto, em que—honra seja feita ao culto espirito francez—triumphou a ideia do Bello, n'uma luta em que o combatiam acanhados preconceitos de falso patriotismo, a que sobrelevava, talvez, na opinião insuspeita dos proprios francezes, o vil interesse material.

Críticos musicaes escreveram bellas paginas dictadas pelos seus nobres corações, exaltando com calor o genio immortal do musico poeta, cuja figura grandiosa mais uma vez foi coroada de louros de gloria.

E para que se veja como a campanha de Saint-Saëns não podia facilmente crear adeptos sinceros, basta dizer-se que, até entre aquelles em quem mais podia influir o amor pa-

triotico a ponto de os cegar, até entre esses—os que se batem na frente da batalha—havia quem occupasse as rapidas horas de repouso tocando a musica de Wagner. Conta-nol-o, no *Mercur de France* o illustre chronista Jean Marnold:

«On joue du Wagner sur tous les pianos qu'on déniche dans les maisons abandonnées et éventrées; on chante et on applaudit une page de *la Walkyrie* devant le général et des poilus de tous grades et d'armes différentes».

E' que essas divinas e inspiradas creações, cuja belleza paira acima de tudo o que divide e atormenta os homens, como manifestações d'uma bondade superior, vinda de Deus, são sempre um balsamo consolador no meio das agruras da vida.

Nem se diga, para de algum modo justificar o injustificavel, que Wagner nutriu durante toda a sua vida odio contra a França. Através da sua longa e importantissima obra litteraria, não ha um unico argumento que auctorisem semelhante juizo, e—antes pelo contrario—em paginas frequentes das suas memorias, das suas cartas a Liszt, ha, a cada, passo palavras de caloroso elogio para esse paiz, para os seus musicos, entre os quaes, em *Ma Vie* classifica Berlioz de «artista incomparavel, unico no mundo», e faz do seu detractor de hoje, Saint-Saëns, a seguinte apreciação: «Conheci o joven Saint-Saëns, cuja destreza e talento musical me surprehenderam. A' sua virtuosidade extraordinaria de pianista e á facilidade pasmosa com que lê as partituras d'orchestra mais complicadas, Saint-Saëns junta uma memoria não menos admiraveis. E na sua carta abera a Gabriel de Monod, não hesita em escrever: «Os meus festivaes em Beyrouth foram julgados pelos inglezes e pelos francezes com muito mais justeza e intelligencia do que pela maioria da imprensa allemã. Creio dever attribuir esse facto a que os inglezes e francezes illustrados estão preparados pela sua cultura pessoal e original para apreciarem o que de original e pessoal ha n'uma obra d'arte».

Pode—quem assim falou—ser accusado de inimigo da França e da civilização latina?

E, ainda que o fosse, em que poderia isso diminuir a grandeza dos seus dramas musicaes, com que tão

enormemente foi enriquecido o patrimonio artistico da humanidade?

E' necessario que bem alto se proclame: A Musica, a Arte, nunca podem ser olhadas pelo prisma atravez do qual se vêem as questões suscitadas pela guerra.

A missão da Arte, sustenta-o Tolstoi, é justamente realizar a união fraternal dos homens, destruindo no mundo o reino da violencia e da discordia. Os que assim pensam, por isso, não podem sem amargura ver arrastado para a praça publica dos partidos o nome do immortal Wagner, como não podem ver baixar da região em que vivem como Nove Musas Supremas, as symphonias de Beethoven, como não podem resignar-se a vêr cahir a lage do silencio sobre as paginas incomparaveis de Bach, de Mozarth, de Schubert, de Weber, de Schumann, de Brahms, de Strauss e de tantos outros, como não poderiam amanhã assistir de braços cruzados a um auto de fé ás obras immortaes de Goethe e de Schiller ou ao esfacelamento das telas preciosas de Durer e de Holbein.

Que seria de nós se nos condemnassem ao supplicio de não mais ouvir os genios da symphonia, do *lied* e do drama lyrico?

Não. Nem por um momento quero admittir que possa vir a consummar-se o mais monstruoso crime que contra a arte poderia ser praticado!

E esta será, sincera e firmemente o creio, a opinião da quasi unanimidade dos verdadeiros artistas e amadores de musica em França e na Italia para gloria d'esses paizes, de tradições artisticas tão notaveis, e para honra da sua intellectualidade, que tem illuminado o mundo com os fulgores da sua civilização.

Janeiro de 1917.

ELISA B. DE SOUSA PEDROSO

*

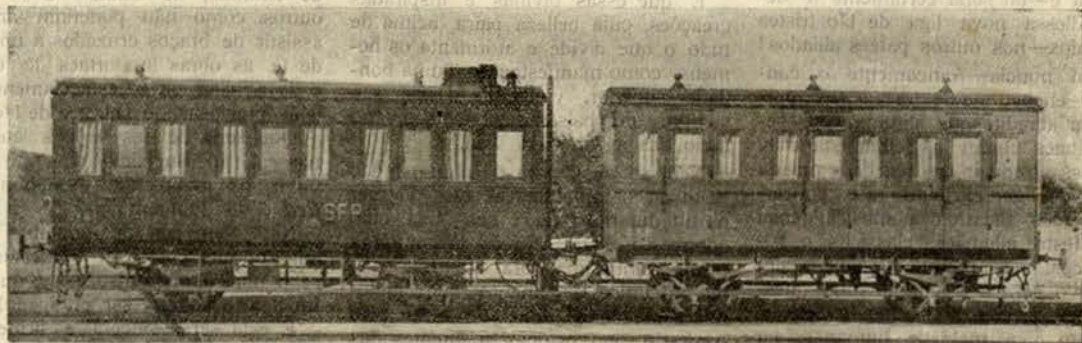
O delicioso artigo que acima transcrevemos com a devida venia, foi inserto em um dos numeros do *Diario Nacional*, onde o nome illustre da sua auctora fulgura com incomparavel brilhantismo por entre a pleiade de distinctissimas collaboradoras que engrinaldam a pagina de litteratura feminina, semanalmente dada á estampa por aquelle nosso prezado collega.

A *Revista de Turismo*, honrando-se com a collaboração, embora indirecta, do espirito subtil e culto que distingue a Senhora D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso, aproveita o ensejo para apresentar a S. Ex.^a a homenagem da sua respeitosa admiração.

Transformação das carruagens da Companhia de Salamanca á Fronteira de Portugal

o progresso do material de passageiros ultimamente introduzidos pelas companhias de caminhos de ferro, não se tem eximido as pequenas empresas, e a prova-o está a Companhia de Salamanca á Fronteira de Portugal, que apesar das dificuldades com que luta, por varios motivos, não se tem poupado a sacrificios. Viu que era necessario melhorar o material de passageiros, mas como o seu estado financeiro não lhe permitia adquiri-lo novo, mandou proceder nas suas oficinas de Salamanca, á transformação do existente, ficando consideravelmente melhorado.

Não se limitou á 1.ª e 2.ª classes,



UMA CARRUAGEM ANTIGA E OUTRA DEPOIS DE TRANSFORMADA

mas também a 3.ª gosou de igual beneficio. Todas as carruagens foram revestidas de madeira, pois a chapa de ferro não resiste também ás diferenças de temperaturas, a que está sujeita a linha de Salamanca. Interiormente sofreram grandes reformas, pois foi-lhe introduzida a retrete, aquecimento, iluminação a acetylene por uma bem montada instalação, corredor lateral, etc.

As carruagens de 1.ª ficaram com 3 compartimentos, que comportam 18 passageiros, as de 2.ª, com 4 compartimentos, e 34 lugares, e as de 3.ª com 42 lugares.

Exteriormente, como a nossa gravura indica, ficaram muito elegantes, tendo ainda para segurança dos passageiros, freio de vacuo e aparelhos de alarme.

Antigamente era um suplicio, que arrelhava o passageiro, o viajar nas linhas hespanholas, quando se deixava as francezas, hoje porém, não acontece o mesmo, pois o material das linhas do Norte de Hespanha, é muito semelhante em conforto ao francez, e mesmo o das linhas de pouco trafego, como das de Salamanca, está agora de molde a servir

os passageiros com muito razoavel conforto.

São ao todo 8 carruagens que a Companhia tem já transformadas, com o que está fazendo os comboios correios, que são os únicos comboios directos entre Lisboa, Porto e Paris.

BIBLIOGRAFIA

O CANTO DA CIGARRA
de Augusto Gil, 2.ª edição.

AINDA que tarde, referimo-nos hoje, á 2.ª edição do CANTO DA CIGARRA, esse sublime livro de satyras, que, quando da 1.ª edição, emocionou o nosso meio literario.

Augusto Gil, revelou-se n'essas satyras um poeta de raça, e como Gil

Depois tem quadras de um conceito superior:

E ha no mundo quem afronte
Uma mulher quando cae,
Nasce água limpa na fonte,
Quem a suja é quem lá vae.

Esmagas sob o espartilho
Um seio alto e perfeito.
E a boquita de teu filho,
A mamar de outro peito.

Parece-nos ser este livro, o melhor de Augusto Gil, por ser o mais sentido, pois que sendo o reverso de outros dois anteriores, *Versos e Luar de Janeiro* venceu n'elles, ainda mais a sua alma de poeta e de um vencido do amor. Mas, se foi vencido,

Vicente, castigou tantos males que enfermam as amorosas de agora, parecendo atravez d'essas paginas que todos esses versos os sentiui, e que não são mais que gritos da sua alma soffredora e desiludida. Depois Augusto Gil, é de uma eronia, que magoa e ao mesmo tempo faz rir pela originalidade.

Se não veja-se:

O ETERNO AMOR

Puz-me a reler as tuas cartas, hoje.
Ha bons tres anos que m'as escreveste
Vê como o amor, vê como o tempo foge.

Dentre uma d'elas, na maior meteste,
N'aquelle dia para o que te deu,
Duas folhas rendadas de cypreste.

São trinta cartas de apertadas linhas,
Todas de abril, no mez em que no Ceu,
Já voam as sagradas andorinhas.

«Juro-te amor eterno», uma dizia.

Pois afinal durou um mez por junto
O amor eterno, quem o suporia?

Rescimos pelo defunto
Padre Nosso, Ayé Maria.

foi-o por por pouco tempo, pois nos dois livros posteriores, *Sombras de fumo e Alba Plena*, assim no-lo demonstra.

XISTO.

EXPEDIENTE

Anunciam-se gratuitamente n'esta revista todas as obras literarias que digam respeito ao engrandecimento do país

CONSULTAS

Esta secção é destinada a consultas dos nossos estimados leitores, sobre viagens, excursões, hotéis a preferir, trajectos a precorrer, e sobre todos os assumptos que se ligam com o turismo.